

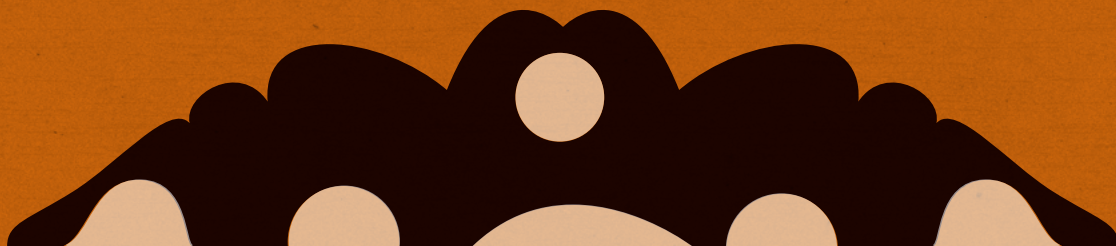


LOURDES MACENA

**Danças  
Populares  
Tradicionais  
Cearenses**  
*Conectando Vidas*



*Módulo II* • **Cana-Verde**







**Danças  
Populares  
Tradicionais  
Cearenses**

*Conectando Vidas*

**APOIO:**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**  
MINISTÉRIO DO  
TURISMO



GOVERNO DO  
**ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Cultura*

LEI  
**ALDIR  
BLANC**  
DE EMERGÊNCIA CULTURAL  
**CEARÁ**



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

**REALIZAÇÃO:**



ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
**Canto da  
Jandaia**



---

Macena, Lourdes

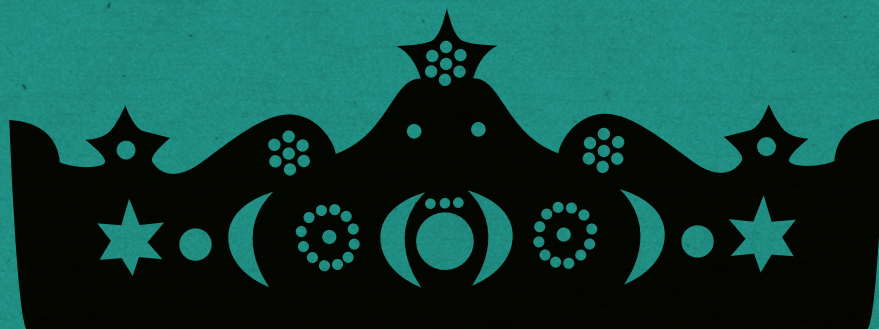
Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas /  
Lourdes Macena - Fortaleza: Editora IFCE, 2021.

1. Danças Populares 2. Cultura 3. Tradições Cearenses, I.  
Macena, Lourdes. II. Título.

---

Essa publicação digital é composta por um módulo do e-book ***Danças populares tradicionais cearenses: conectando vidas***, que será disponibilizado em sua versão completa ao final do curso.





\* Módulo II \*

# Cana-Verde



**Nota explicativa:** Minha abordagem com e sobre as Danças Populares Tradicionais é sempre numa referência ao que são, como atuam, abordando aspectos tradicionais históricos e sociais de seu legado. No entanto, a Cana-Verde é uma expressão cultural atualmente ameaçada se considerarmos como se encontra a Cana-Verde do Mucuripe após a passagem de D. Gerta, sua Mestre, e as dificuldades sociais e culturais que envolvem a Cana-Verde do Iguape há bastante tempo. Diante desses fatos, nesse trabalho enfatizarei aspectos da Cana-Verde desses dois territórios, buscando favorecer o conhecimento e, provavelmente, retraditionalização dos elementos culturais, cênicos e musicais por meio de todos os cearenses que se identifiquem com eles.

## Histórico

Meus estudos mais aprofundados sobre a Cana-Verde do Ceará tiveram início no final de 1980. Conheci pessoalmente D. Gerta da Cana-Verde do Mucuripe em 1990. Na época, fazia estudos de campo com meus alunos do CEFET, hoje IFCE. Este trabalho que aqui escrevo possui elementos atualizados destes encontros e do que escrevi para o Conservatório de Música do Rio de Janeiro, durante um curso de Musicologia em 1995. Na época, escrevi “Cana-Verde do Ceará - um estudo comparativo tendo como referência esta mesma manifestação em outros estados” cujo resultado foi apresentado, além do Conservatório, no 7º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau, em um seminário sobre “Heranças Ibéricas no Folclore Brasileiro” [10]. Utilizei parte desses estudos na inscrição de D. Gerta no Edital dos Mestres da Cultura de 2005, hoje Tesouros Vivos do Ceará.

A Caninha-Verde, segundo Câmara Cascudo (1972), é uma das danças populares da região do Minho, em Portugal. Foi no Ciclo da cana-de-açúcar que ela foi introduzida no Brasil.

Observando vários levantamentos sobre a Cana-Verde brasileira de autores diversos como Zaide Maciel (1960), Amália Giffoni (1964), Paixão Cortes e Barbosa Lessa (1967), Cássia Frade (1985), Câmara Cascudo (1972), Aloísio Alencar Pinto (1975), percebo que musicalmente esta manifestação tem formas distintas na maioria dos estados, apesar de ter alguns fragmentos comuns.

---

[10] Realizado pela Fundação Cultural de Blumenau e Comissão Nacional de Folclore, 27 de abril a 1º de maio de 2004, junto a 3ª. Feira do Artesanato Brasileiro.



Somente para se ter uma ideia rápida da diversidade dessa expressão no espaço nacional e, diante disso, valorar junto a nossa juventude as características peculiares da *nossa Caninha*, coloco em seguida, de forma sintética, aspectos da Cana em outros estados. Como por exemplo, em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, ela é dança de Fandango <sup>[11]</sup>, porém costuma-se às vezes ser vista como dança independente. É importante destacar que, em São Paulo, já foi presenciada a Cana-Verde executada após o Cateretê <sup>[12]</sup>. Em Minas Gerais, temos a Cana-Verde de passagem. No Rio de Janeiro, existe a Caninha-Verde com bastões, a Cana-Verde valseada e a Cana-Verde marcada. A meu ver, o que Cássia Frade (1985) denominou de “cana-verde marcada” coincide coreograficamente com o que bem anteriormente Luciano Gallet (1934), registrou como “cana-verde de oito” e, posteriormente Amália Giffoni (1964) chamou de “cana-verde de passagem”. Ou seja, eles se referiam à Cana-Verde formada por círculo de quatro pessoas, sendo dois pares frente a frente, em cada círculo, para executarem uma passagem de mão descrevendo um oito. Essa seria a parte principal da dança.

Surpreendeu-me a inclusão da Caninha-Verde feita pelo musicólogo Luciano Gallet (1934) numa listagem de danças negras, implantadas no Brasil, como também o fato desse autor ter considerado a mesma de origem nacional, no que Renato Almeida concordou posteriormente (Renato Almeida apud. Joaquim Ribeiro, 1977). Acho que, provavelmente, isso se deu por estes registros sobre a manifestação terem sido pioneiros em nosso país, haja vista que são da década de 30 do séc. XX, como também o fato de não serem muito aprofundados.

Poderia dizer que o trabalho mais significativo sobre a origem da Cana-Verde brasileira que conheço é o de Joaquim Ribeiro (1977, p. 2005-2012) no qual ele enfatiza a Caninha-Verde como “dança Minhota”, surgida nas zonas de produção de vinhos, pois em Portugal chama-se de *cana-verde* “aos vinhos produzidos por vinhas doentes” (idem). Sendo assim, Cana-Verde, ou Caninha, se referia a bebida e nada tinha a ver com cana-de-açúcar, especificamente. Acontece que os colonizadores Minhotos trouxeram essa dança para o Brasil, que se adaptou e se aclimatou no meio rural, principalmente, em

---

[11] No Sul do país, Fandango é um baile, uma festa onde se executa várias danças, nesse caso a Cana-Verde seria uma delas, de forma miúda e com pequenas figuras. O termo Fandango em território brasileiro designa várias outras expressões, inclusive nomeia uma de nossas Danças Dramáticas.

[12] Dançado no interior dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás com características rurais. Também conhecida como Catira, para vários autores, possui influências indígenas e outros elementos. Dançada em fileiras e círculo, com palmas e sapateado, nos entrecantos dos violeiros.

zonas canavieiras “dada a identificação puramente verbal da cana-verde com a cana-de-açúcar (ibidem)”.

Só discordo de Joaquim Ribeiro quando diz que no Nordeste a Cana-Verde não teve muita repercussão, pois no Ceará, a Cana-Verde é uma das mais interessantes manifestações que temos, tendo sido, inclusive, registrada por Aloísio Alencar Pinto, como sendo provavelmente “o mais completo registro da Cana-Verde do Brasil [13]”.

Preciso destacar que em toda a minha trajetória de aprendente e ensinante, que não tem fim, meu percurso como pesquisadora sempre esteve envolvido com meus alunos, considero estes e estas meus/minhas parceiros/parceiras de tudo o que sou profissionalmente. Diante disso digo que as pesquisas de campo e visitas em apresentações da Cana do Mucuripe e da Cana do Iguape (década de 90 do sec. XX) que utilizo também neste texto, envolveu dançarinos do Miraira como Ronilson Lima, Anderson Costa, Vandick Bastos, Eveton Jean, Jonas Almada. Nossa pesquisa principal deu-se na colônia de pescadores do Mucuripe, no Morro Santa Terezinha.

### **Territórios geográficos da Cana-Verde Cearense e particularidades**

Diante dos registros que já mencionei e estudos no Mucuripe e Iguape, posso dizer que no princípio a Cana-verde foi vista brincando nas praias do Iguape, Majorlândia (Aracati), Mucuripe e até na fronteira com o Rio Grande do Norte, em Tibau, de acordo com Florival Seraine (1978), Elzenir Colares (1978) e Aluísio Alencar Pinto (1975).

Como já o disse, na década de 1990, quando fiz meus estudos da Cana-Verde, somente encontrei na época três pequenos registros de autores cearenses que escreveram sobre ela: Florival Seraine (1978), Ivan Regis de A. Frota (1986) e o livreto lançado pela Secretaria da Indústria e do Comércio com o título de *Manifestações do Folclore Cearense* que foi publicado pela Emcetur (1978). Esse livreto, apesar de não estar com a assinatura autoral da professora Elzenir Colares, foi idealizado e organizado por ela, a pedido da Emcetur, e por assim o saber, a partir desse momento, para fazer referências a ele, colocarei de forma justa com o nome de quem realmente é a autora. Em nível nacional, a única abordagem sobre a nossa caninha que conheço é de Aloísio Alencar Pinto. Infelizmente todos esses estudos foram muito elementares,

---

[13] PINTO, Aloísio Alencar. Contracapa do disco *Cana-verde/ Ceará* – Documentário sonoro do Folclore Brasileiro no. 37.

sendo que destes, os de Elzenir Colares (1978) e Alencar Pinto trouxeram contribuições mais significativas. Segundo Colares, foi na praia de Aracati onde a Cana-Verde aportou pela primeira vez, trazida por João Francisco Simões de Albuquerque, vindo de Moçambique.

**Fig. 10. D. Gertrudes**



Fonte: Filha Mazé, para autora (2005)

Minha imersão no campo se deu com Dona Gertrudes Ferreira dos Santos, que na época da entrevista tinha 64 anos <sup>[14]</sup>, e era quem dirigia a Cana-verde do Mucuripe. De acordo com suas informações <sup>[15]</sup>, a Cana-Verde foi introduzida no Ceará por volta de 1919 pelo português João Francisco Simões, sendo seu sucessor Pedro Mãe Chica (popularmente conhecido como “Chico Manchico”). Depois ela foi entregue para “Zeca Três Vêis”, este renunciando para José dos Santos, que dançava a Cana-verde desde os 15 anos. Na verdade, o grupo que chegou até nós comandado por D. Gerta, foi formado em 1942 pelos amigos pescadores: o tapioqueiro “Zeca Três Vez” (padrinho do marido de D. Gerta), os “Manchico” e o Sr. José dos Santos (esposo de D. Gerta) e seus amigos do Mucuripe (CARVALHO, 2006, p. 124). Brincavam, ensaiavam no barracão da Colônia dos Pescadores, perto da barraca dos peixes na Praia de Iracema, aquela que tanto Luiz Assunção cantou “*Adeus, adeus, só o nome ficou, adeus Praia de Iracema, praia dos amores que o mar carregou [...]*” (Adeus, Praia de Iracema. Samba de carnaval. Luiz Assunção, 1954).

---

[14] Gertrudes Ferreira dos Santos, nasceu em 3 de setembro de 1927 no Mucuripe onde viveu até seu encantamento em 15/08/2014. Foi Tesouro Vivo reconhecido pela SECULT/CE desde 2005 e hoje encontra-se entre os *Encantados*.

[15] Entrevista à autora - documento sonoro particular (gravação - fita cassete) - Mucuripe e Iguape - 1990 - 1992.

A especulação imobiliária empurrou os pescadores para o morro Santa Terezinha, o que comprometeu não apenas suas brincadeiras, mas toda uma estrutura de vida. Porém, apesar de isso ser outra história, é importante que a dança que gostamos de fazer sensibilize para as percepções que isso tudo merece.

Além de mãe de dez filhos do Sr. José dos Santos, D. Gerta foi também labirinteira e rendeira. A bolsa abaixo foi rendada e feita por ela e me foi presenteada.

**Fig. 11. Gerta, 2006**



Fonte: Alunos da autora

**Fig. 12. Gerta, 2012**



Fonte: Alunos da autora

**Fig. 13. Bolsa renda D. Gerta**



Fonte: Foto autora

Após o falecimento do Sr. José dos Santos, a Cana-Verde teve uma parada até o momento de ser reconduzida por D. Gertrudes. Perguntada sobre o significado do nome Cana-Verde, ela respondeu que era devido as vestimentas verde e amarela dos brincantes que representavam a cana do caule à folha, sendo complemento de sua vestimenta o chapéu trazendo o pendão do canavial, quando as canas estão maduras no ponto de ir para o engenho.

Na realidade, essa explicação de D. Gertrudes serve como exemplo para o que Joaquim Ribeiro (1977, p. 62) ressaltou como “aclimações, localizações de temas”, tão comuns nos fatos tradicionais populares, pois podemos verificar através de alguns versos da Cana do Ceará a confirmação da referência de Ribeiro sobre a Cana-Verde como espécie de bebida Minhota produzida por vinhas doentes, por exemplo, os versos da letra da música quando diz:

*Não vá beber, não vá se embriagar (BIS)  
Não vá cair na rua pra polícia te pegar. [...]  
(Informação sonora, doc.37, 1975) [16]*

Sendo assim, fica claro que o significado de Cana-Verde para os grupos do Ceará que fazem esta manifestação, já não é o mesmo de antes, quando de sua entrada no Brasil, o que é compreensível diante da dinâmica cultural peculiar dessas expressões.

Primeiramente a Cana-Verde cearense foi uma espécie de bloco carnavalesco. Como diz Carvalho (2006, p. 127): “O grupo brincava, de preferência, no Carnaval. Tudo era pretexto para a festa, apesar do areal, da luz fraca e das fantasias pobres, eles queriam mesmo se divertir”. Se apresentavam de forma simples, numa sequência de 14 cantigas puxadas pelo/pela Mestre/Mestra. Depois, a manifestação passou a se fazer presente em outras festas da comunidade, incluindo outros aspectos como o casamento matuto, realizado de forma cômica cantada (presente também na Cana do Iguape) e a figura de um rei que autoriza o início do folguedo. Assim, eles iam brincando e fazendo sua folia no bairro também no período junino, na festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, na festa de Nossa Senhora da Saúde, padroeira do Mucuripe, e até no ciclo natalino e dia de Reis. Boa parte dessas apresentações ocorriam na própria colônia, em frente à Igreja de São Pedro e/ou nas praias do Mucuripe e Iguape. Posteriormente, os grupos foram se adaptando às mudanças socioculturais de suas comunidades e a Cana-Verde passou a estar presente no circuito da cidade, a partir das oportunidades que o planejamento cultural governamental possibilitava (ou não).

Quando me encontrei com a Cana-Verde de Dona Gerta pela primeira vez e quis saber como efetivavam seus ensaios, ela disse que o grupo ensaiou muito tempo numa casa desocupada pertencente ao cunhado do “Zeca Três Vêis”, no entanto, naquele momento eles estavam sem lugar para brincar, ensaiar. A Cana-Verde reunia-se na cozinha de sua casa e neste espaço de mais ou menos 2m x 3m preparavam a brincadeira. Nossa equipe não entendeu como eles conseguiam se movimentar num espaço tão pequeno. Por isso que digo que a defesa do território, do lugar onde vivem essas comunidades é vital para manutenção e salvaguarda dessas expressões culturais. O que ocorreu nestes últimos 50, 60 anos com a Cana-Verde, o Coco, o Fandango e o Pastoril do Mucuripe, depois que os pescadores tiveram que sair da zona praieira e foram

---

[16] Cana-Verde - Documento Sonoro do Folclore Brasileiro, nº 37, 1975- Aluysio Alencar Pinto

empurrados para o Morro Santa Terezinha, é um dos maiores exemplos disso, pois assim como a vida social e cultural dos pescadores e seus familiares sucumbem em meio às demandas que nunca se resolvem, essas brincadeiras fortalezenses estão, pouco a pouco, desaparecendo no âmbito dos grupos sociais que possuem o legado ancestral familiar.

### Personagens

De acordo com tudo o que li e vi, creio que é exatamente neste ponto que se inicia as grandes diferenças entre a Cana-Verde do Ceará e as de outros estados. É provável que em nenhum outro lugar a Cana-Verde tenha personagens definidos e uma história a ser representada por meio da brincadeira como ocorre na Cana-Verde cearense.

No imaginário de D. Gerta, a Cana-Verde representa um pedido de casamento como ocorria na época medieval, em que as filhas já estavam prometidas. Esta, por sua vez, como tem o seu amado, pede à mãe, ao pai, ao irmão, mas ninguém libera para ela ficar com ele. Então, ela apela para sua majestade, que libera o casório. Diante da permissão do Rei, é feita uma grande festa dançante que é a Cana-Verde. Os personagens são: o Rei, vassallos, padre, sacristão, a noiva Maria Culodina (Claudina), que dança ao lado do Rei, mãe, pai e irmão da noiva e os convidados, que formam os cordões. Quem faz o noivo geralmente é a mestra da Cana. Fica na ponta (cabeça de fila) do cordão masculino, e é quem tira os versos principais para os demais repetirem. É importante dizer que no princípio, a Cana-Verde Cearense era dançada somente por homens, posteriormente, as mulheres foram ocupando seus personagens e, inclusive, chegando a fazer papéis masculinos se necessário, como ocorria com D. Gerta que fazia o noivo *Manuel da Balaiada*.

D. Gertrudes nos falou que a Cana-verde procura mostrar “o casamento no canavial”. De certa forma, esta explicação nos dá uma noção da estrutura da apresentação da Caninha. Assim ela se expressou:

Naquela época, pra gente possuir um esposo tinha que falar com sua Majestade. Pois é isso que mostramos. O Rei fica no centro, para que na hora em que o moço (noivo-mestre) for pedir a moça (noiva que fica ao lado do Rei) em casamento, os pais não dão, os irmãos não dão, quem dá a licença é a Majestade, o Rei [Informação verbal].<sup>[17]</sup>

---

[17] Documento Sonoro em fita cassete. 40min. gravado na Casa de D. Gerta.

Fig.14. Rei e Vassalos



Fonte: Foto autora e alunos

Fig.15. Brincantes



Fonte: Foto autora e alunos

Então é isto, no imaginário, a brincadeira representa o pedido, a licença e a festa do casamento da Maria Culodina (Claudina) com o Sr. Mané da Baiada. A parte mais longa, segundo D. Gerta era a do sacristão, porém não localizei nenhum resquício dela.

Quando os encontrei, somavam 33 brincantes da Cana-Verde, entre músicos, dançarinos, adultos, crianças e velhos. Todos eles pescadores ou familiares desses e, de uma certa forma, de uma família só.

Perguntada sobre o que representava a Cana-Verde para ela, D. Gertrudes respondeu: “A Cana-verde é uma lembrança ou várias lembranças, nela eu vejo meu marido, meus filhos, parentes e amigos que já se foram, por isso vou fazê-la até morrer e aí deixarei para uma destas moças (aponta para as filhas) continuarem a fazer assim como eu e tantos outros”. [Informação verbal] <sup>[18]</sup>

Como **meios de subsistência** o grupo não fazia coletas (doações, ou passavam o chapéu) durante sua apresentação, porém fora de sua comunidade a convite de outros, eles cobravam cachê e este era rateado entre todos. Anteriormente cada elemento do grupo procurava patrocinar sua própria fantasia com o pouco recurso que tinham. Em 1990, D. Gerta é quem dispunha e mantinha todo o figurino.

---

[18] Documento sonoro. Fita cassete, 40min. Gravado na Casa dela no morro Santa Terezinha (1990).

**Indumentária, adereços e outros usos.**

Poucos autores fazem menção à indumentária da Cana-verde em outros estados. Para ser mais precisa, apenas Amália Giffoni (1964) aborda este aspecto, descrevendo a indumentária da Cana-verde simples do interior de São Paulo <sup>[19]</sup>:

A indumentária da Cana-Verde cearense, no entanto, possui estética, no geral, que lembra aqui e ali, o colonizador português, com algumas variantes. As cores predominantes são o verde bandeira e o amarelo ouro, com detalhes em vermelho. Como já falei, as minúcias abaixo referem-se ao momento do registro no dia em que o fiz, de acordo com as informações de D. Gertrudes. Eis, na íntegra, a vestimenta de todos os participantes:

- **REI:**  
espécie de casaca tradicional, usada com uma Braga (calção até o joelho), de cetim ouro ou lamê. Camisa branca por dentro da casaca, faixa larga na cintura, capa de veludo vermelha ou azul, espécie de cetro cheio de pedrarias na mão, coroa, lembrando a usada por D. Pedro II. Segundo Colares (1978), no Iguape, o Rei usava roupa no estilo Luís XV, toda brilhosa.
- **MASTRO DO REI:**  
artefato de madeira enfeitado com fita amarela e verde com um grande laço na parte de cima, representando um pé de cana.
- **NOIVA (MARIA CULODINA – CLAUDINA):**  
Vestido de noiva comum.
- **PADRE:**  
veste-se como os demais brincantes, só que acrescentando uma estola por cima da roupa. No Iguape, ele se veste de batina de padre.
- **NOIVO: (MANUEL DA BALAIADA)**  
Também se veste como os brincantes, acrescentando apenas uma faixa verde, diagonal, por cima da camisa.

---

[19] GIFFONI, obra citada, p.93.



- **PRÍNCIPES**

mesma vestimenta que os brincantes só que no lugar do chapéu eles usam uma coroa, e uma capa por sobre os ombros. No Iguape, eles se vestiam com roupas da corte portuguesa no Brasil.

- **VASSALOS**

usa a mesma roupa do cordão só que um carrega o estandarte da cana e o outro, a bandeira.

- **BRINCANTES DOS CORDÕES (FAMÍLIA DOS NOIVOS):**

**HOMENS: Roupa** – calça verde tipo braga bombachinha, camisa amarela de mangas compridas, lenços com estampas floridas no pescoço, sendo a calça, a camisa e o lenço de cetim ou seda laqué. Variante no Iguape: calça verde comum, camisa amarela de gola e punhos verde, com lenço verde na mão. **Sapatos** – congas brancos com meias vermelhas. No Iguape usa-se as meias brancas. **Chapéu** – cobertos com cetim verde, com aljôfares, brilhos, espelho, pena de pavão e um laço amarelo; feito com dois tipos de conta: uma pequeninha que cerca o espelho e outra maior para dar outra volta, dando grande beleza; quanto mais enfeitado, melhor. **Faixa** – na cintura tem uma faixa vermelha com franjas amarelas na ponta.

**ADEREÇOS: Bandeira** – Representa o pendão da cana, e o papagaio, que é o símbolo da Cana-Verde. Quem dança com ela é um dos vassallos próximo ao Rei. É de cetim branco, sendo o papagaio todo bordado ou aplicado. **Estandarte** – também é de cetim branco, ou verde. Nele tem os pezinhos de cana e a época que estão brincando, bordado, pintado ou aplicado. É usado por outro vassallo. **Pandeiros** – enfeitados com fitas e pintados, quanto mais brilho, melhor. Antigamente era feito de lata de doce, onde eles abriam buraquinhos nas laterais para colocação de moedas ou tampinhas de níquel amassadas. À medida que foram tendo acesso a outras tipologias no comércio, foram substituindo pelo mais prático e bonito segundo eles.

**Fig.16. Rei e vassallos**



Fonte: Mazé filha D. Gerta

**Fig.17. Brincantes, vassallo e bandeiras**



Fonte: Mazé filha D. Gerta

**Fig.18. Mastro do Rei da Cana com D. Gerta**



Fonte: Filha Maria José

É importante destacar que, no início, na Cana-verde do Mucuripe, só dançavam homens; bem posteriormente, gradativamente, é que as mulheres foram ganhando seu espaço. Já na Cana do Iguape sempre dançaram homens e mulheres indistintamente. Sendo assim, a indumentária feminina nas duas canas é a seguinte: **No Mucuripe** – elas se vestem igual aos homens. **No Iguape** – saia até os joelhos na cor verde, blusa amarela, lenço verde na mão, meia branca e chapéu igual ao dos homens, lenço vermelho no pescoço.

Perguntei a D. Gertrudes por que em algumas apresentações que assisti da Cana-Verde, as mulheres estavam de saia e lenço, já que na Cana do Mucuripe elas se vestiam igual aos homens, como já comentei. Ela assim respondeu: “... elas se acham feias de roupas de homens, querem usar saia, então deixo, num vô quebrar a cabeça, mas lenço fica cigano, melhor mesmo é o chapéu. Mesmo assim algumas teimam e usam lenço, que posso fazer? Não posso matar? (sorriu)” [Informação verbal] <sup>[20]</sup>

Vale ressaltar que até agora, em 2021, em nenhum registro que já foi feito dessa manifestação cearense consta a indumentária à moda portuguesa (saias, coletes, blusas, calças, camisas, faixas, lenços nas cores predominantes – preto e branco – etc. que alguns grupos de Projeção teimam em mostrar. Perguntamos a várias pessoas sobre o fato (faixa etária de 60 a 70 anos) tanto no Mucuripe como no Iguape, e ninguém conhecia tal Caninha. Para eles, a Cana-verde, seja do Iguape ou do Mucuripe, sempre teve como predominante em sua indumentária as cores verde e amarela, e o modelo descrito acima.

## Estrutura Musical

A música da Cana-Verde (as cantigas, como eles chamam) já é conhecida e os brincantes cantam de cor. Às vezes improvisam um ou dois versos, porém, percebemos que o conteúdo musical já é decorado por todos. Os ritmos predominantes são marcha, xote e rojão <sup>[21]</sup>. A estrutura musical é estrofe-refrão, sendo dividida em várias partes, onde cada parte tem um ritmo e um refrão diferente, contendo várias estrofes. A música é tirada sempre pelo mestre e repetida em coro pelos brincantes. Os instrumentos musicais são: o violão, o cavaquinho, bandolim, surdo e pandeiro.

---

[20] Documento sonoro. Fita cassete 40min. Gravado na casa dela em 1990.

[21] Rojão: marcha de andamento bem vivo e rápido. Segundo Cascudo pode ser também: trecho musical tocado por viola ou rabeca entre um verso e outro dos cantadores nordestinos (1910), duração medida, estilo de cantoria, cadência, ritmo de velocidade (1918) – CASCUDO, 1972, p. 787.

**Partes Musicais**

Considerando os fatos sociais e culturais de como se encontram os grupos da Cana-Verde do Mucuripe e Iguape, e com o desejo de que escolas, crianças, jovens e adultos, cantem e se utilizem de todos os elementos que as compõem, para mantê-los vivos no corpo de quem os sente e com eles se relacionam de forma lúdica e brincante, coloco aqui o que sabemos já gravado e que pode ser acessado por quem se interessar.

É importante destacar que, no caso de criação artística para a cena dançada, a primeira escolha para poder definir sua estrutura coreográfica dançante é a escolha musical, sempre levando em consideração quem irá fazer, se crianças, adultos ou idosos. Diante das diversas possibilidades tecnológicas que temos em 2021, fica muito mais fácil que antes essa escolha estrutural, que pode ser feita por meio de pequenos cortes para fazer a montagem do tamanho que se precisa, com as partes que se quer, para estimular o uso da brincadeira.

No caso das gravações abaixo, lembro que sempre é necessário citar as fontes, tantos as comunidades detentoras do legado ancestral quanto os intérpretes que possibilitaram a música chegar até você, sejam eles grupos tradicionais ou populares.

Esses trechos abaixo são da **Cana-Verde/Iguape/CE** coletado por pesquisadora da FUNARTE pelo professor cearense Aloísio de Alencar Pinto – convênio Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1975). Disco vinil.

**Fig.19. Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro Nº 37**

The image shows the cover of an audio document titled 'CANA-VERDE/CEARÁ'. It features a photograph of dancers in traditional attire performing a dance. A QR code is located in the bottom left corner. The text on the cover includes the title 'CANA-VERDE/CEARÁ' and 'DOCUMENTÁRIO SONORO DO FOLCLORE BRASILEIRO Nº 37'. There is also a small logo of a seahorse and the code 'INF-037'.



Fonte: Disponível em [www.youtube.com/watch?v=2BRBeEBKHYY](http://www.youtube.com/watch?v=2BRBeEBKHYY)

**1. A MINHA CANINHA-VERDE (abertura)**

Solo: A minha caninha-verde  
A minha verde-caninha } Bis  
E salpicada de amor  
E de amor salpicadinha } Bis

Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)

Solo: Tu era quem me dizia  
E eu era quem duvidava } Bis  
E pelo fim do nosso amor  
E tu era quem me deixava } Bis

Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)

Solo: E peguei a cana do lemo  
E eu fui a Ri de Janeiro } Bis  
E viva todos que nós samo  
E o pavilhão brasileiro } Bis

Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)

**2. SORRI, QUÁ, QUÁ**

Solo: Sorri, quá, quá,  
Muita gente há de chora. } Bis  
Sorri, quá, quá,  
Quando o carnaval passa. } Bis

Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)

Solo: Na entrada de Lisboa  
Tem dois belo chafariz. } Bis  
E São Pedro lava o rosto  
São José o seu nariz. } Bis

Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)

Solo: O pendão da cana-verde  
Caiu n'água e se moiô. } Bis  
E o amor que tu me tinha  
Era pouco e se acabô.

Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)

Solo: Aprantei caninha-verde  
Com três braça de fundura. } Bis  
Quando foi na outra noite  
Já tinha cana madura. } Bis

Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)

### 3. EU NÃO VENDO

Solo: Eu não vendo  
O meu papagaio no Brasil. } Bis  
Eu não vendo  
O meu papagaio no Brasil. } Bis

Coro: Mas eu não vendo... (refrão)

Solo: Meu papagaio  
Dos incuantos (encantos) amarelo. } Bis  
Se tu fô lá, o Brasil  
Dá um beijo na donzela do Brasil. } Bis

Coro: Mas eu não vendo... (refrão)

Solo: Meu papagaio  
Pé de lô (ouro) bico de prata. } Bis  
Se tu fô lá o Brasil  
Dá um beijo na mulata do Brasil. } Bis

Coro: Mas eu não vendo... (refrão)

Solo: Meu papagaio  
Pé de prata, bico de ouro. } Bis  
Se tu fô lá o Brasil  
Me dá um beijo, meu louro, no Brasil. } Bis

Coro: Mas eu não vendo... (refrão)

#### 4. GALO, GALO, GALO, GALO

Solo: Galo, Galo, Galo, Galo  
Galo, galo já morreu. } Bis  
E Sá Maria mate o galo  
Quem dá o tempero sou eu. } Bis

Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)

Solo: Ai galo, galo, galo, galo, O galo fez corococô. } Bis  
E Sá Maria apronte o galo  
Prá mandá pro seu doto. } Bis

Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)

Solo: Galo, galo, galo, galo,  
Galo, galo já morreu. } Bis  
E Sá Maria pegue o galo  
Qui tá no terreiro é meu. } Bis

Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)

#### 5. MENINA TU VAI O BAILE

Solo: Menina tu vai o baile  
Meu benzinho eu vô. } Bis  
Leva saia de balão  
Brinca todos, todos, todos. } Bis  
Brinca todos que aqui estão.

Coro: Menina tu vai o baile... (refrão)

Solo: Também tenho meu relógio  
E meu correntão. } Bis  
Pra sabe que hora são  
Brinca todos, todos, todos. } Bis  
Brinca todos que aqui estão.

Coro: Menina tu vai o baile... (refrão)

**6. CANINHA-VERDE, ADEUS, ADEUS (despedida)**

Solo: Caninha-verde, adeus, adeus,  
Caninha-verde qu'eu já me vô. } Bis  
Caninha-verde até para o ano  
Caninha-verde s'eu vivo fô. } Bis

Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)

Solo: Dono da casa, adeus, adeus,  
Dono da casa qu'eu já me vô. } Bis  
Dono da casa até para o ano  
Dono da casa s'eu vivo fô. } Bis

Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)

Solo: Ai, meus amigos, adeus, adeus,  
Ai, meus amigos, eu já me vô. } Bis  
Ai, meus amigos até para o ano,  
S'eu inda fô vivo, s'eu vivo fô. } Bis

Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)

A seguir descrevo partes da **CANINHA-VERDE (Iguape-CE)** pesquisa da Prof. Elzenir Colares em 1978. O registro sonoro encontra-se no disco vinil **Grupo de Tradições Cearenses – 25 anos.**

**Fig.20. Capa do álbum Grupo de Tradições Cearenses – 25 anos**



Fonte: Disponível em [www.youtube.com/watch?v=YR-N7yvXUzs](http://www.youtube.com/watch?v=YR-N7yvXUzs)



**PARTE I**  
**(marcha)**

Refrão:

É tão belo os portugueses  
É tão belo festejar  
Senhor Reis já vai ao trono  
Vamos todos festejar

Estrofes:

- 1      Senhor Reis me dê licença  
         Que eu quero perguntar.      } Bis  
         Se o senhor nos dá licença  
         Para todos vadiar.                } Bis
- 2      Alevanta-te bom filho  
         Que eu sou rei não sou preá.    } Bis  
         Quando eu subir ao trono  
         Licença mando te dar.            } Bis
- 3      Sr. Reis já deu licença  
         Para todos aqui brincar.        } Bis  
         Sr. Reis subiu ao trono  
         Licença mandou nos dar.        } Bis
- 4      A Maria Culodina  
         Quer ser reis, quer ser rainha.    } Bis  
         Para governar o Estado  
         Nos três dias da sardinha.      } Bis

**PARTE II**  
**(xote)**

Refrão II:

A minha caninha-verde  
A minha verde-caninha.      } Bis  
Salpicada de amor  
De amor salpicadinha.        } Bis

Estrofes:

- 5      Eu plantei a cana-verde  
          Com uma braça de fundura.    } Bis  
          Quando foi na outra noite  
          Já tinha cana madura.            } Bis
- 6      E quem quer bem dorme na rua  
          Na porta do seu amor.            } Bis  
          Do tijolo faz a cama  
          Do sereno cobertor.               } Bis

E a minha caninha-verde... (Repete refrão II)

### PARTE III

**(baião, porém na pesquisa FUNARTE eles cantaram em ritmo de xote)**

- 7      Galo, galo, galo, galo  
          Galo, galo já morreu.            } Bis  
          D. Maria mate o galo  
          Quem dá o tempero sou eu.    } Bis
- 8      Galo, galo, galo, galo  
          Galo fez corococô.                } Bis  
          Quando deu a meia noite  
          Bateu asa e coou.                 } Bis

### PARTE IV

**(marcha)**

Refrão III:

Chover quá, quá,  
 Muita gente é de chorar  
 Chover, quá, quá  
 Quando o carnaval passar.    } Bis

Estrofes:

- 9 O pendão da cana-verde  
Caiu n'água e foi ao fundo. } Bis  
Os peixinhos responderam  
Viva d. Pedro II. } Bis
- 10 Já temos vinha  
Já temos parreira. } Bis  
Vamos adiar  
Essa nossa brincadeira. } Bis
- 11 A cana-verde me disse  
Que eu ainda era de morrer  
Vai-te embora cana-verde  
Que eu não quero mais te ver
- 12 Oê, oê, oê, oê, oê, oê, oá  
Ainda está pra nascer  
A cana-verde do mar.

## PARTE V

### (xote)

- Caninha-verde adeus, adeus  
Caninha-verde eu já me vou. } Bis  
Cana-verde até para o ano  
Cana-verde se eu vivo for. } Bis
- Oh! Meus amigos adeus, adeus  
Oh! Meus amigos eu já me vou... } Bis

## PARTE VI

### (marcha)

- O pendão da cana-verde  
Caiu n'água e foi ao fundo  
Coitadinhas das meninas  
Que andam na bola do mundo

**Fig. 21. CD Ispinho e Fulô –  
Grupo Miraira**



Fonte: Acervo Lourdes Macena

Os trechos musicais abaixo foi de onde fiz a coleta para gravar a **CANA-VERDE do Muricupe/CE** para nosso processo de criação artística. Aqui disponibilizo tudo o que foi coletado na pesquisa da década de 1990, que já mencionei antes. O registro sonoro foi feito em arranjo no CD Ispinho e Fulô do Grupo Miraira do IFCE, gravado em 1995 e lançado em 1999. Tem a direção musical de Carlinhos Crisóstomo e Nonato Cordeiro e direção geral minha. Destaco que na gravação encontra-se apenas o que utilizamos para nossa cena.

(Trechos letra - Pesquisa de campo da autora em 1990) <sup>[22]</sup>

## PARTE I (xote)

Refrão:

E a minha caninha-verde  
A minha verde caninha.     } Bis  
Salpicada de amor  
Oi de amor salpicadinha.     } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

- 1     Eu a plantei caninha-verde  
      Com três palmos de fundura.     } Bis  
      Quando foi no outro dia  
      Eu já chupei cana madura.     } Bis  
      (refrão I)
- 2     A essa nossa brincadeira  
      Está na ponta olé, olé.     } Bis  
      Ah quem chamou rapaziada  
      Para todo mundo ver.     } Bis

[22] Documento sonoro particular da autora à disposição.

**PARTE II**  
**(marcha)**

Refrão:

Lá vem baiana na barra do porto. } Bis  
Quem morreu, morreu,  
Quem não morreu, salvou-se. } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

3 E a minha caninha-verde  
E a minha verde caninha. } Bis  
Salpicada de amor  
De amor salpicadinha. } Bis  
(repete refrão 3 vezes)

**PARTE III**

Refrão:

Eita sapo boi marinho  
Eita boi marinho que vem dançar  
(repete refrão 2 vezes)

Estrofes:

4 Ai o pendão da cana-verde  
Caiu n'água e flutuou. } Bis  
E os peixinhos estão dizendo  
O papai é amolador? } Bis  
(repete refrão 2 vezes)

5 Ai o pendão da cana-verde  
Caiu n'água e foi ao fundo. } Bis  
E os peixinhos estão dizendo  
Viva D. Pedro II. } Bis  
(repete refrão 2 vezes)

6 Ah essa nossa brincadeira  
Está na ponta olé, olé. } Bis  
Ah quem chamou rapaziada  
Para todo mundo ver. } Bis  
(repete refrão 2 vezes)

**PARTE IV**  
**(marcha)**

Refrão:

É tão belos os portugueses  
É tão belo festejar. } Bis  
Nosso Rei já vai ao trono  
Vamos todos festejar. } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

- 7 A Maria Culodina  
Quer ser Rei, quer ser Rainha. } Bis  
Quer governar o empenho  
Com a coroa da Rainha. } Bis
- 8 Licença vim eu pedir  
Licença vim alcançar. } Bis  
Vim pedir a Majestade  
Licença para brincar. } Bis  
(repete refrão)
- 9 Alevanta-te bom filho  
Que sou Rei não sou Real. } Bis  
Quando assubiu ao trono  
Licença mandou te dar. } Bis
- 10 Licença fui eu pedir  
Licença fui alcançar. } Bis  
Fui pedir a Majestade  
Licença para brincar. } Bis  
(repete refrão)

**PARTE V****(xote)**

Refrão:

Papagaio cana-verde  
Da janela da cozinha. } Bis  
E leva a carta, entrega a carta  
A namorada Mariquinha. } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

- 11 Quem quer bem salta parede  
Salta muro *ladreado*. } Bis  
Salta janela de vidro  
Fechada com cadeado. } Bis  
(repete refrão)
- 12 Ninguém vê o que eu vi ontem  
Lá no gai do alecrim  
Mas ninguém vê o que eu vi ontem  
Lá no gai do alecrim  
Vi as pombinha cantando  
Viva Senhor do Bonfim. } Bis

**PARTE VI****(rojão)**

Refrão:

Toada meu bem toada  
Toada não quero mais. } Bis  
É só por causa dessa toada, rapaz  
Que a filha não quer seus pais. } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

- 13 Arrastei tantas correntes  
Pelas ruas da cidade. } Bis  
As correntes não pesava, rapaz  
Só a falsidade. } Bis  
(repete refrão)

- 14 Tanta laranja madura  
Tanto limão pelo chão. } Bis  
Tanta mocinha bonita ah, ah  
Tanto rapaz bestalhão. } Bis  
(repete refrão)

## PARTE VII (marcha - saída e despedida)

Refrão:

Adeus Campinas de flores  
Adeus terra onde eu morava. } Bis  
Adeus meus amores  
Até quando eu cá voltar. } Bis  
(repete refrão)

Estrofes:

- 16 Essa nossa brincadeira  
Está na ponta olé, olé. } Bis  
Quem chamou rapaziada  
Para todo mundo ver. } Bis  
(repete refrão)
- 17 Essa nossa brincadeira  
Está na ponta ideal. } Bis  
Quem chamou rapaziada  
No dia do carnaval. } Bis  
(repete refrão)
- 18 Sacodi meu lenço branco  
Na chegada lá do mar. } Bis  
Só não casarei contigo  
Só se a morte me matar. } Bis  
(repete refrão)
- 19 Oh que lua tão bonita  
Lua de noite a fugir. } Bis  
Bota azeite no ferrolho  
Mode a porta não rugir. } Bis  
(repete refrão)



- 20 Se essa rua fosse minha  
Eu mandava ladrear. } Bis  
Com pedrinhas de diamante  
Para meu amor passar. } Bis  
(repete refrão)
- 21 Arrastei tantas correntes  
Pelas ruas da cidade. } Bis  
As correntes não pesava  
Como a tua falsidade. } Bis  
(repete refrão)
- 22 Adeus belos senhores  
Adeus belas senhoras. } Bis  
Cana-verde se despede  
Dá adeus e vai embora. } Bis  
(repete refrão)

### **Partes do casamento (declamando, cantando)**

Noiva:

Minha mãe me dê licença  
Que eu quero me casar. } Bis  
Quero governá a vida três dias de carnaval  
É de casa, é de casa  
É de casá, de casá, casá.

Mãe:

Não te casa minha filha  
Vai viver na boa vida. } Bis  
Que eu tive uma casada chorando de arrependida  
Né de casá, né de casa,  
Né de casa, de casa, de casa.

Noiva:

Ó meu pai me dê licença  
Que eu quero me casa  
Quero governa a quinta três dia de carnavá  
Né de casa, né de casa  
Né de casá, de casá, de casá

Fala do padre:

“D. Maria Culodina, leva gosto em se casar  
com seu Manuel da Guabiraba?”

Fala da noiva:

“Levo, sim sinhô.”

Canto do padre:

Tais casada minha filha,  
Vai viver com teu querer...

### **Partes do Bêbado**

#### **(xote)**

Refrão:

Não vá bebê,  
Não vá se embriagar  
Não vá cair na rua } Bis  
Pra polícia te pegar

Soldado não me prenda  
Não me leve pra cadeia  
Não vá fazer barulho } Bis  
Vim buscar a “fia” alheia  
(repete refrão)

Quem escorrega também cai  
Por ser bom caidor  
Chega no meio do caminho  
Ó que corpo sofredor  
(repete refrão)

### **Parte coreográfica Cana-Verde**

A brincadeira da Cana-Verde cearense ocorre entre dois cordões (filas, fileiras) onde, em uma fila ficam os personagens masculinos e em outra os femininos. Ao centro ficam o Rei, ao lado dele a noiva Maria Culodina, dois Príncipes e Vassalos. Os passos básicos acompanham os gêneros rítmicos marcha, xote, rojão e/ou baião.

Como elementos coreográficos, foram vistos além dos passos básicos, giros, contra giros, movimentos dos cordões em serpentina, em roda, avanço e recuo dos cordões e/ou de personagens durante sua encenação. Sugiro dar uma olhada nos vídeos abaixo.

1

**1. TERREIRO DA TRADIÇÃO - CANINHA-VERDE DE MESTRA GERTA**

D. Gerta: <https://www.youtube.com/watch?v=ddhHtxwMVvI>

2

**2. CANINHA-VERDE DO IGUAPE 2019**

Sr. Edvar: <https://www.youtube.com/watch?v=QteAZ2C0cz8>

3

**3. CANINHA-VERDE DO IGUAPE MESTRE EDVAR COM O CASAMENTO QUE A FAMÍLIA NÃO ACEITA**

Sr. Edvar: <https://www.youtube.com/watch?v=HYtTI4Ck97w>

4

**5. CANINHA VERDE DO IGUAPE MESTRE EDVAR**

Sr. Edvar: <https://www.youtube.com/watch?v=iecqYas4GeM>

5

**6. CANINHA VERDE EM EUZÉBIO**

Sr. Edvar: [https://www.youtube.com/watch?v=uIe5f\\_P5tzc](https://www.youtube.com/watch?v=uIe5f_P5tzc)

6



A parte prática dos passos será vista com os Mestres Edvar, da Cana-Verde Iguape/Aquiraz/CE, e Maria José, da Cana-Verde do Mucuripe/Fortaleza/CE, com o auxílio dos docentes artistas envolvidos.

Existe também disponível na web/youtube imagens dos grupos Tradições Cearenses, Miraira e Raízes Nordestinas dançando a Caninha em seus processos de criação artística com esta estética tradicional que pode auxiliar a docentes em sala de aula.

**Fig.22. Gerta e Maria José**

Fonte: Foto Maria José

**Fig.23. D. Gerta**

Fonte: Foto Maria José

**Fig.24. Sr Edvar**

Fonte: Facebook

**Fig.25. Mestre Edvar e a Cana-Verde do Iguape**

Fonte: Facebook do Grupo

**Fig.26. Cana Iguape com Poliana Santos presidente CCF**

Fonte: Poliana Santos evento Mestres do Mundo

### **Cana-Verde do Iguape/Aquiraz – (Algumas informações) [23]**

Acho importante fazer este contexto da Cana-Verde bem maior do que farei das demais danças, diante da situação já mencionada de ameaça de desaparecimento, devido às questões sociais e culturais que ora vivem. Destaco inclusive, a necessária entrada do Sr. **Edvar Elias de Oliveira** da Cana do Iguape e de **Maria José**, filha da D. Gertrudes da Cana do Mucuripe no edital Tesouros Vivos, de forma a incentivar o repasse e manutenção da expressão cultural enquanto a temos em seus territórios.

O Sr. Edvar recebeu a *Caninha* do pai dele, o Sr. Paulino Elias de Oliveira, já falecido (\*1901-+1981). Nascido no Iguape em 1943, Seu Edvar vive de fazer artesanato, com cocos, corda, búzios, para vender durante suas viagens. Seu pai, o Sr. Paulino Elias de Oliveira, pescador do Iguape, foi quem manteve durante toda sua vida, não apenas a Cana-Verde, mas também o Coco e o Pastoril. É dele a voz que canta no disco Documento Sonoro da FUNARTE, que coloquei acima na parte relativa à música da Cana-Verde, cuja pesquisa é de Aloysio Alencar Pinto.

Apesar de não saber ao certo como a Cana-Verde chega no Iguape, Sr. Edvar destaca que desde pequeno seu pai dirigia a dança na colônia de pescadores. Conforme falou D. Francisca, desde a década de 90 do século XX, a Cana-Verde passou a ser atemporal, ou seja, ela não tem uma data especial para ser dançada, e assim ele resistiu apresentando-se sempre que contratada. Na época do Sr. Paulino, eles se apresentavam bastante em eventos da Emcetur [24], no entanto, durante a conversa, uma das participantes disse que o período da Cana anteriormente era de dezembro até o carnaval.

Durante as interlocuções, ficou claro que os personagens, os participantes, a história que contam, coincidem em muitos aspectos com os mesmos da Cana do Mucuripe, com pequenas variações coreográficas e musicais, acrescentando-se ainda a figura de um bêbado. Na indumentária, existe o fato de que, na Cana do Iguape, a participação feminina sempre atuou com saia e não usando bombachinha, imitando os homens como sempre ocorreu na Cana do Mucuripe. Apesar de não ser um modelo a ser seguido como cópia, mas sim,

---

[23] Entrevista com D. Francisca Elias de Oliveira, 41 anos, esposa de Edvar Elias de Oliveira Mestre da Cana-Verde do Iguape e D. Aurelina Oliveira e Silva, 56 anos antiga brincante da Cana, Pastoril e Coco. Fita cassete, 35 min. 1990.

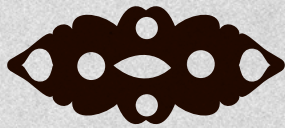
[24] “A Antiga Cadeia Pública localiza-se na Rua Senador Pompeu. É um edifício de meados do século XIX que se converteu no Centro do Turismo da Cidade, sede do Museu de Arte Popular e do Museu da Mineralogia, entre outras coisas [...]” Fonte: [http://www.granmarquise.com.br/post\\_concierge/emcetur/](http://www.granmarquise.com.br/post_concierge/emcetur/). Consultado em 15 janeiro, 2021.

para deixar claro elementos estéticos ancestrais, descrevo de forma esmiuçada a indumentária quando a encontrei.

**HOMENS:** (brincantes comuns) calça verde, camisa amarela de punhos e gola verde, lenço verde, chapéu coberto de tecido verde com pena de pavão e espelho muito enfeitado, lenço vermelho no pescoço e lenço da mão. **MULHERES:** (brincantes comuns) saia até o joelho na cor verde, blusa amarela, lenço verde na mão, meia na cor da perna e chapéu igual ao dos homens, lenço vermelho no pescoço. **SAPATOS:** congas brancos. **PANDEIROS:** igual aos da Cana do Mucuripe. **NOIVA:** vestida de noiva normalmente *Noivo:* brincante comum com uma faixa vermelha **PADRE:** roupa de padre. **REI:** roupa no estilo Luís XV toda brilhosa, com mastro do Rei é um pedaço de pau enfeitado com fita amarela e verde com um grande laço na parte de cima, representando um pé de cana. **Príncipes:** roupa da corte. **PAIS DOS NOIVOS:** brincantes comuns **BÊBADO:** brincante comum.

A Cana-Verde Cearense tem relações com nosso estado em vários atravessamentos históricos e destaca o corpo do pescador que luta de forma invisível contra a especulação imobiliária no litoral, que, além de dificultar seu sustento, cria dificuldades para o seu festar. A Cana-Verde sofreu interferências governamentais e foi aos poucos perdendo as conexões com as razões sociais que sempre as motivou, não apenas a perda dos parentes queridos, mas também pelo fato da pressão de negação e de invisibilidade sofrida, além da crescente violência que hoje interfere nas comunidades.

Continuar dançando Caninha é dançar a festa e a beleza do povo do nosso litoral que deveria ser sempre festa, principalmente para o povo que vive nele e não tão somente para o turista.





## REFERÊNCIAS

AMORIM, Ninno. **Os cocos no Ceará**: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. *In*: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Entendendo o folclore**. Texto de divulgação feito para o Museu de Folclore Édison Carneiro/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: [http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo\\_area=1#](http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#)

CARVALHO, Gilmar. **Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará**. Fortaleza: Secult/CE, 2006.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 3ª edição. RJ; Edições de Ouro – Tecnoprint gráfica S. A. 1972. 930p. pp. 232-233.

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CASTRO, Zaide Maciel de. **Danças do Norte e do Sul**. Rio de Janeiro: Organização Técnica de Educação Física Ltda. 1960. p. 49

COLARES, Elzenir. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza: Gráfica Secretaria de Indústria e Comércio. 1978. Pp. 23 a 25

CORTES, Paixão e LESSA Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas**. 3ª edição. São Paulo: Irmãos Vitale Editores – 1967 – p. 19.

FRADE, Cássia. **Guia de Folclore Fluminense**. RJ: Presença Edições. 1985. p. 49.

FARIAS, C. M.. **Antes de dançar o Coco era como estar no mundo, mas não existir?**: experiências dançantes de mulheres em contextos de políticas públicas culturais no Cariri Cearense. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, p. 1-9, 2019.

FARIAS, C. M.. **Brincando de dançar, dançando para brincar**: ludicidade, improviso e ritual na dança do coco da comunidade de balbino - ce (1940 - 1980). História e Culturas, v. 2, p. 40-63, 2014.

FARIAS, C. M.. **Memórias dançantes**: a (re)invenção de uma tradição por grupos de coco de mulheres no Cariri ? CE. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 22, p. 51-59, 2014.

FARIAS, C. M.. **A 'invenção' de uma comunidade:** narrativas de resistências e tradição oral em balbino - ce. Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE, v. III, p. 1-15, 2013.

FARIAS, C. M.. **A coreografia da luta:** a dança como elemento de identificação e de afirmação cultural da Comunidade de Balbino - CE. *Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança - UFBA*, v. 2, p. 45-57, 2013.

GALLET, Luciano. **Estudos de Folclore.** RJ: Carlos Webrs & Cia – 1934. Pp. 61 a 72.

GIFFONII, Maria Amália Correa. **Danças Folclóricas Brasileiras.** 2ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos – 1964. pp. 89 a 103.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Saberes-fazer em danças populares /** Thiago Silva de Amorim Jesus; Marco Aurélio da Cruz Souza, Ana Macara organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. – 491 : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 8).

MACENA FILHA. **Stagnation y dificultades del fandango del Mucuripe** – enseñanza possible. Comunicação oral no X Congresso Argentino de Antropologia Social –. Facultad de Filosofia e Artes – UBA, 2011. Disponível em: <http://www.xcaas.org.ar/> Acesso em 27 de julho de 2013.

MACENA FILHA, M. L.. Projeto Miraira - prática cultural para a diversidade numa estratégia de educação não formal. *In: VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação*, 2008, Barbalha. vitrais da memória: “Vitrais da Memória: Lugares, Imagens e Práticas Culturais”. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 1013-1021.

MACENA FILHA, M. Lourdes. Cultura e Patrimônio. *In: Revista Aspectos* – Conselho de Cultura do Ceará. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2008.

MACENA FILHA, M. Lourdes. **O Potencial turístico das festas populares de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Universidade Estadual do Ceará.

NOVO, José da Silva. **Almofala dos Tremembé.** Itapipoca: sem edição. 1976.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. A dança do Torém dos Tremembé de Itarema-CE. *In: Encontro de pesquisa e pós-graduação em humanidades*, 2. 2011, Fortaleza. Semana de humanidades, humanidades: entre fixos e fluxos, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p.1-12.

PEREIRA, A. S. M. e Gomes, D. P. **Dança encantada e de resistência:** (trans) significações corporais no torém dos índios tremembé. Arliene Stephanie Menezes Pereira Daniel Pinto Gomes Corpoconsciência, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 120-129, jan./abr., 2018.

PINTO, Aloísio Alencar. **Documentário sonoro do Folclore Brasileiro nº37.** contra-capa do disco.

RIBEIRO, Joaquim. **O Folclore de Açúcar.** Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977. 227 p.

ROCHA, J. M. Tenório. **Folguedos e danças de Alagoas.** Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, Comissão Alagoana de Folclore, 1984.

SILVA, Rildelene dos Santos; LIMA, Anna Erika Ferreira; MORAIS, Ana Cristina da Silva. **Um estudo sobre a bebida indígena mocroró:** Aceitação por não indígenas e cultura alimentar do Povo Kanindé de Aratuba. January 2020 Brazilian Journal of Development 6(5):31985-32005 DOI: 10.34117/bjdv6n5-592. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 5, p.31985-32005, may. 2020.

SERAINÉ, Florival. **Folclore Brasileiro** – Ceará. RJ: MEC – FUNARTE. 1978. p. 28.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena. Danças Populares Tradicionais em abordagens estéticas, memória e tensões políticas. In: **Saberes e Fazeres em Danças populares.** v.8. Salvador/ANDA, 2020, 491p. 74 – 87.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena de. **Sendo como se fosse** – as danças dramáticas na ação docente do ator professor. Belo Horizonte, 2014. 295f. Tese (Doutorado em Artes) EBA. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GFH-GX>

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática e social aprendizagem sistemas:** a carreira do conceito. 2003. Disponível em <https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>. Acesso em: 27 de dez. 2018.

**APOIO:**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**  
MINISTÉRIO DO  
TURISMO



GOVERNO DO  
**ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Cultura*

LEI  
**ALDIR  
BLANC**  
DE EMERGÊNCIA CULTURAL  
**CEARÁ**



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

**REALIZAÇÃO:**



ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
**Canto da  
Jandaia**